

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76  
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

**XXIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS**  
**SEMANA NACIONAL DE CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA – 2019****UM ESTUDO SOBRE O PROBLEMA DA INVERSÃO ONTOLÓGICA ENTRE  
RIQUEZA E EUDAIMONIA**

**Janaína Emanuelle da Silva Santos Ribeiro<sup>1</sup>; Adriana dos Santos Tabosa<sup>2</sup>**

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduanda em Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

[janaina.emanuelle@hotmail.com](mailto:janaina.emanuelle@hotmail.com)

2. Orientadora, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

[adriana\\_tabosa@yahoo.com.br](mailto:adriana_tabosa@yahoo.com.br)

**PALAVRAS-CHAVE:** *Eudaimonia. Akrasia. Ética*

**INTRODUÇÃO**

Este trabalho tem como finalidade investigar o problema da inversão ontológica entre riqueza e *eudaimonia*. A inversão ontológica, ou *akrasia*, revela uma falha ou problema na razão, é caracterizada pelo fato de o indivíduo saber o que é o melhor para ser feito e não fazê-lo, é um conflito entre razão e desejo. Para Aristóteles, a *akrasia* não é uma ignorância quanto ao que é correto, o *akrático* é alguém que delibera acertadamente, porém falha no momento de executar sua decisão à ação, e essa falha acontece por uma disposição que leva o indivíduo *akrático* a fazer o que o seu desejo quer e, esse desejo faz com que a pessoa deixe de lado a decisão correta e realize a ação incorreta. A partir da análise dos livros I e VII, a pesquisa aborda a discussão sobre ética, explicitada no Livro *Ética a Nicômacos*. O fim último é o resultado da ação ética, e para que seja alcançado é necessário a prática de atividades virtuosas. Inversamente, os que consideram ser a felicidade a riqueza, são as essas pessoas que Aristóteles chama de "escravos", porque não possuem um autodomínio. São os concupiscentes, os que associam a *eudaimonia* com os "prazeres do corpo", por isso buscam ilimitadamente a riqueza monetária para propiciar o que promove este tipo de "prazer."

**MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)**

A Metodologia empregada no trabalho tem caráter bibliográfico. A pesquisa desenvolvida teve como regra fundamental a leitura meticulosa de capítulos da obra *A Ética a Nicômacos*, de Aristóteles, onde se destacam os conceitos essenciais para o desenvolvimento da questão sobre a *eudaimonia e akrasia*. Os materiais utilizados são prioritariamente de ordem textual: livros, artigos, textos etc. A metodologia consiste, basicamente, em leituras, fichamentos, análises textuais e discussão de textos. Nesse projeto foram consultadas outras literaturas relativas ao assunto em estudo, comentadores e estudiosos da obra *A ética a Nicômacos*, de Aristóteles, que deram direção às ideias. Foram consultados também artigos publicados em periódicos e revistas especializadas e que proporcionaram a este trabalho bases para que o mesmo fosse fundamentado.

## RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Aristóteles inicia a *Ética a Nicômacos* afirmando a existência de um bem supremo a que todas as coisas tendem, esse bem é equivalente a ser feliz, é constituído pelo que é bom, é característica daquilo que é considerado viver bem, é uma maneira de agir virtuosa, aquilo que é suficiente para que o indivíduo viva bem. Para Aristóteles, esse fim último não pode ser confundido com o prazer, pois o prazer é a finalidade na vida dos escravos e dos animais. Também não são as riquezas pois estas constituem um meio para que se alcance algo e não o fim, tampouco são as honrarias, embora estas sejam importante para a vida política, é a *eudaimonia*<sup>1</sup> considerada o bem supremo. O prazer, as honrarias e todas as formas de excelência são perseguidas pela crença de que a partir delas o homem será feliz, a *eudaimonia* é, portanto, algo final e autossuficiente, nela não há ausência de necessidades, por isso ela é a mais desejável de todas as coisas. O homem feliz vive bem e pelo bem é conduzido, pois a *eudaimonia* é uma atividade conforme a excelência. O melhor dos bens deve ser final de modo absoluto e para que ela seja evidente numa vida humana é necessário que essa vida apresente o sucesso em todos os aspectos e duração.

A *akrasia*<sup>2</sup> é o fenômeno da fraqueza da vontade, que segundo Zingano (2009), é um conflito entre o que o agente sabe (ponto de vista prático) e aquilo que o agente deseja, entendendo que desejo é considerado um apetite. Entretanto, o que tem domínio não só delibera de forma correta, como age corretamente, mesmo que tenha desejos contrários. “[...]”

---

1 Felicidade

2 Fraqueza da vontade, incontinência

Aquele que tem domínio não possui a *hexis*<sup>3</sup> correta, mas mesmo assim reflete e age de modo correto; o que não tem domínio igualmente não tem a *hexis* ética, delibera corretamente, mas não age de acordo com a deliberação”. (Wolf, p. 173, 2013). Dessa maneira, as ações involuntárias para Aristóteles, são praticadas sob compulsão ou ignorância. Agir voluntariamente é agir se utilizando do raciocínio e conhecimento sobre as circunstâncias que podem ser alteradas, a não ser que essas circunstâncias sejam impossíveis de serem realizadas de maneira diferente, pois mesmo quando as opções de escolha são desfavoráveis, ainda assim somos responsáveis pelas escolhas realizadas.

A *akrasia* é a situação em que o indivíduo mesmo em posse do seu melhor juízo a respeito do que deve fazer, age de maneira contrária aquilo que considera melhor, voluntariamente. O fenômeno da falta de domínio se caracteriza na ação do agente deliberar de forma correta mas não agir de acordo a sua deliberação. É uma ausência de força que impede de dominar seus impulsos, e como resultado dessa falta de domínio, os impulsos se sobrepõem a razão. Desse modo, entendemos que a natureza da *akrasia* é calculativa, apesar do conflito que existe na alma do acrático para que sua ação seja contrária a razão. Por exemplo, segundo Aristóteles, o incontinente em relação ao lucro é o que se dedica a ganhar dinheiro de forma ilimitada, assim:

A vida dedicada a ganhar dinheiro é vivida sob compulsão, e obviamente ela não é o bem que estamos procurando; trata-se de uma vida apenas proveitosa e com vistas a algo mais. Sob este prisma os objetivos que acabamos de mencionar podem ser tidos como fins, pois eles são apreciados por si mesmo. É evidente, porém, que eles não são bens autênticos, mas muitos argumentos foram gastos para sustentá-los. (Et. Nic. I, 1096 a, 15 a 20)

A capacidade de receber as virtudes morais que são o meio para que se adquira a *eudaimonia*, esta que é o fim a que todas as coisas tendem, são adquiridas pelo hábito. É também a partir das escolhas que o homem aperfeiçoa seu modo de agir diante de determinadas situações. As virtudes morais são formadas a partir das escolhas humanas, o homem de maneira racional delibera sobre elas. É na prática, na repetição de um padrão de atividades do mesmo ato nas relações cotidianas, mesmo que de maneira involuntária, que o homem se torna justo ou injusto; em situações de perigo, sentindo receio ou confiança que o homem se torna corajoso ou covarde, por que suas disposições morais são o resultado daquilo

---

3 Disposição

que é da sua rotina, por isso formar costumes de maneira pré-determinada será decisivo para a formação da excelência moral. O objetivo da excelência moral é alcançar o meio termo, que é aquilo que não é demais nem muito pouco, é uma espécie de estado intermediário entre excesso e falta.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)**

Nesse sentido, é importante entender que o estudo da Ética Aristotélica enfatiza a boa ordenação da pólis quando delimita a justiça enquanto virtude de caráter, quando atribui a política a felicidade dos que compõem a pólis. A ideia de fim último da existência humana contida no conceito de *eudaimonia*, comporta o princípio de que o filósofo precisa pensar as coisas humanas para entender o início de fim último direcionando à felicidade. Cabe, portanto, a ciência política estudar o bem para o homem contido nesse projeto do todo político que coordena as funções diferenciadas da cidade para que se alcance o bem da pólis a partir da política, pois a política é a forma como os indivíduos reunidos na pólis dão sentido à sua existência.

Dessa forma, é necessário entender a política como ciência prática suprema, que subordina todas as outras a meras auxiliares. A ética é, portanto, parte da política. “A ética de Aristóteles é, sem dúvida social e sua política é ética” (Ross, 1987, p. 193). É a política que conscientiza o homem sobre ser membro de uma comunidade. No início da ética, Aristóteles relata o bem da *pólis* como sendo mais importante e mais perfeito que o do indivíduo. No final da ética ele revela o Estado como a serviço da vida moral de cada indivíduo. Nesse sentido, a ética explica sobre os elementos de compulsão e como é necessário que os desejos do homem obedeçam à razão. A ciência política tem como objetivo o bem supremo, ou seja, o bem da cidade, o bem coletivo em detrimento do bem individual, e esse bem consiste na capacidade de deliberar corretamente e de determinar quais as ações devem ser cumpridas para que o bem do indivíduo, da família e da cidade seja realizado. A virtude da *polis* se dará de acordo com a virtude dos cidadãos.

## REFERÊNCIAS :

ARISTÓTELES. A Política. Tradução e notas: Antônio Carlos Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Vega Universidade/Ciências Sociais e Políticas, 1998.

ARISTÓTELES. ÉTICA A NICOMACOS. Trad. de Mario Gama Kury. Brasília, Editora Universidade de Brasília, c1985.

## Referências complementares:

AGGIO, Juliana Ortigosa. Prazer e desejo em Aristóteles. Salvador, Edufba, 2017.

AUBENQUE, Pierre. A prudência em Aristóteles / Pierre Aubenque, tradução de Marisa Lopes. 2ª ed. São paulo: Discurso Editorial, Paulus, 2008.

BODÉÛS, Richard. Aristóteles. A justiça e a cidade. Trad. de Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo, SP. Edições Loyola. 2007.

PRICE, Richard. Aristóteles: a ética a Nicômacos. Tradução de Alfredo Storck. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ROSS, Sir David. Aristóteles. Lisboa. Ed. Dom Quixote, 1987.

WOLF, Úrsula. A ética a nicômaco de Aristóteles / Úrsula Wolf; tradução Enio Paulo Giachini – 2 ed. - São Paulo: Edições Loyola, 2013.

ZINGANO, Marco. Estudos de Ética Antiga / Marco Zingano. 2 ed – São paulo: Discurso Editorial: Paulus, 2009.